

MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO
MARCOS.COIMBRA@UAI.COM.BR



MARCOS COIMBRA

Inquietação nas oposições

Estamos vivendo, neste começo de ano, um período de inquietação dentro das oposições. Seja em seus representantes políticos e nas lideranças da sociedade civil que se alinham com elas, seja na parcela da opinião pública que não gosta do governo, é nítida a perplexidade. As coisas não estão acontecendo como esperavam.

Ao lado daqueles que nunca o aceitaram, Lula passou a ter, nos últimos anos, uma aprovação quase que a contragosto, característica da classe média com alguma informação. Na maior parte das vezes, vinda de pessoas que jamais votaram nele, sequer no segundo turno de 2006, mas que se viam como que constrangidas a concordar que seu governo tem lá alguns méritos.

Talvez se sentissem fora de lugar, quando eram informadas dos recordes de popularidade que Lula batia a cada pesquisa. Talvez colocassem em dúvida suas próprias antipatias, ao saber que nunca antes, na história deste país, um presidente brasileiro fez tanto sucesso mundo afora.

Daí a aceitar que ele fosse capaz da proeza de eleger alguém como Dilma, no entanto, a distância é grande. Uma coisa é reconhecer, ainda que com várias ressalvas, suas qualidades, outra é se conformar com a possibilidade

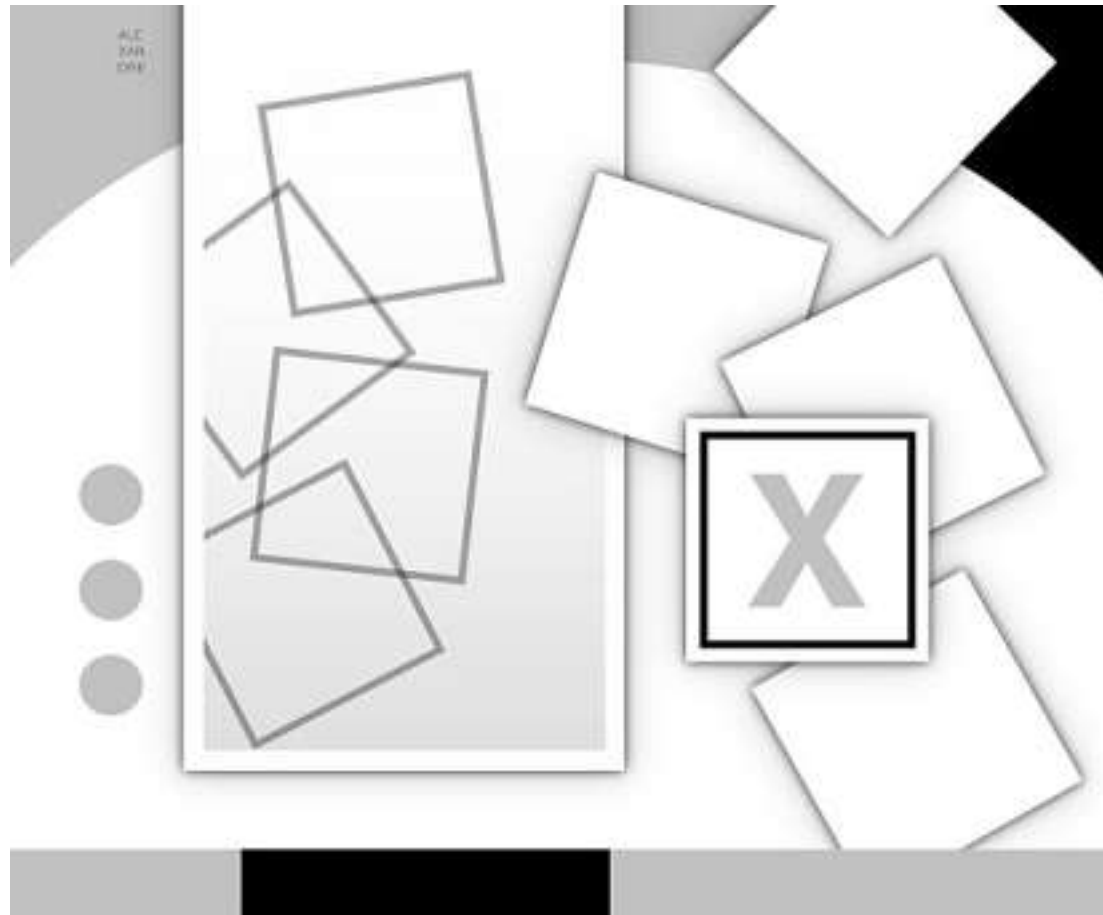
de ele continuar a ser o que é por mais alguns anos.

Ou seja, enquanto perdurou, entre essas pessoas, a sensação de que o fim do lulismo estava próximo, o cenário podia ser complicado, mas era suportável. Tudo de que desgostavam ainda existia, mas tinha data marcada para acabar.

A larga vantagem de Serra nas pesquisas funcionou como uma espécie de seguro de que a hegemonia de Lula na política brasileira, com tudo que dela decorre, não continuaria. Lendo-as apressadamente, muita gente ficou com a impressão de que Dilma estava fadada a perder a eleição. Alguns foram ao ponto de assegurar que isso já estava definido, o que soou como música para os desafetos do governo, mas não era verdade.

Nenhuma pesquisa nunca disse isso. Ao contrário, todas sempre apontaram o largo potencial de crescimento da ministra, que permanecia atrás nas intenções de voto apenas por ser menos conhecida do que alguns dos outros candidatos e ainda pouco associada a Lula e à ideia de continuidade.

Enquanto Dilma estava "empacada", distante de Serra, superada por Ciro, perdendo para Heloísa Helena e Aécio, as oposições não viram motivos para se inquietar. Cada pesquisa nova era recebida com alegria, como se



decretasse que a "transferência de Lula para Dilma" era balela, um cálculo político mal feito, fruto da onipotência presidencial.

Agora, no entanto, depois da divulgação das primeiras pesquisas feitas em 2010, o panorama mudou. Nos meios políticos, a discussão deixou de ser a respeito de se Lula vai ou não precisar de um plano B e passou a ser sobre quando Dilma assumirá a dianteira.

Essa mudança de cenário provoca reações compreensíveis nas oposições, nelas incluída a mídia simpática às suas lideranças e propostas. Como tudo na eleição de 2010, também o recrudescimento

do debate, típico do clima de reta final de campanha, está sendo antecipado. Os ataques continuados e não-justificados ao Bolsa-Família são um exemplo.

Talvez tenha sido Lula quem puxou a fila da incivildade na campanha, mas, muito provavelmente, fez isso de caso pensado. Ao polemizar em tom agressivo com as oposições, ele torna mais difícil para elas poupá-lo de suas críticas e concentrar o fogo em Dilma.

Fazendo o oposto do que fazem alguns governantes, que se orgulham de posar como magistrados e preferem se colocar "acima" da disputa eleitoral, Lula sobe no

palanque (quem não o faria, sabendo que é aprovado por mais de 80% da população?). Assim, reitera que a oposição tem que alvejá-lo, coisa que ela preferiria não ser obrigada a fazer.

Enquanto Lula dá mostras de estar a cada dia mais tranquilo, as inquietações da oposição fazem com que ela se confunda e emita sinais errados para a opinião pública. Existe exemplo maior que Aécio ser apresentado como vice de Serra a toda hora? Apenas para que ele o desmintas? Apenas para que Serra se fragilize, seja percebido como alguém que só tem chance se Aécio for seu vice?

“
Existe exemplo maior que Aécio ser apresentado como vice de Serra a toda hora? Apenas para que ele o desmintas? Apenas para que Serra se fragilize, seja percebido como alguém que só tem chance se Aécio for seu vice?”

ELEIÇÕES

Depois de desatar nó jurídico que ameaçava a convenção nacional, partido reconduz o deputado à presidência e fortalece o nome dele como vice na chapa de Dilma Rousseff

PMDB faz festa para Temer

RENATA MARIZ

Brasília – Mais que reconduzir Michel Temer ao cargo de presidente nacional do PMDB, a convenção do partido, realizada ontem em Brasília, serviu para fortalecer o parlamentar como o candidato a vice na chapa da ministra Dilma Rousseff para a Presidência da República. Enquanto o próprio Temer preferiu a discrição, evitando falar das eleições para o Palácio do Planalto, lideranças da legenda rasgavam o verbo em discursos inflamados e não economizavam nos elogios. “Temer é ético, decente, respeitado em todo o Brasil e com todas as condições de representar o PMDB na aliança com Dilma”, defendeu, ao microfone, o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. Em clima de festa, Temer foi aplaudido de pé pela plateia no Auditório Nereu Ramos lotado, na Câmara dos Deputados.

A ação ajuizada na sexta-feira pelos diretórios regionais de São Paulo, Santa Catarina, Pernambuco e Paraná contra a realização da convenção foi minimizada pela cúpula peemedebista. O deputado Eduardo Cunha (RI) classificou o movimento como “choro de perdedor”. “É uma minoria que não tem 5% dos convencionais para apresentar uma chapa. Não tenho dúvida de que a maioria está coesa com Temer. É claro que as divergências sempre existirão”, disse o parlamentar. Temer ressaltou várias vezes, durante o evento, que todo o PMDB estava ali representado. “É



Ao lado do ministro Hélio Costa (D), Michel Temer é aclamado pelo partido, no Auditório Nereu Ramos, na Câmara dos Deputados

um processo tranquilo. Tranquilidade absoluta, política e jurídica”, destacou o presidente do partido reconduzido ao cargo, tentando afastar qualquer rumor de desavenças ou conflitos internos que tanto marcam a história do PMDB.

Como Temer deve se licenciar, caso o PMDB o indique durante convenção marcada para junho como vice na chapa com Dilma, o cargo de vice-presidente da legenda, que na prática comandará o partido, foi cobiçado

até o último instante. Numa negociação difícil, o senador Valdir Raupp (RO) levou a melhor, cabendo ao seu opositor, o senador Romero Jucá, o cargo de 3º vice-presidente.

A indicação de Raupp, aliado de Renan Calheiros (AL), faz parte de uma estratégia do partido para garantir apoio irrestrito a Temer e demonstrar unidade. Agradando ao grupo de Renan, o risco de novos rachas diminuiu potencialmente. Jucá ressaltou que está pronto para

contribuir com o partido em qualquer posição e que não tem restrição a nenhum nome.

Entre os governadores do partido estiveram presentes, além de Sérgio Cabral, Paulo Hartung (ES), José Maranhão (PB), André Puccinelli (MS) e Eduardo Braga (AM). O prefeito do Rio, Eduardo Paes, também prestigiou Temer. Dos integrantes do Executivo federal, foram à convenção o ministro das Comunicações, Hélio Costa, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, e o

ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima.

Segundo Geddel, que concorrerá ao governo da Bahia contra o candidato petista à reeleição Jaques Wagner, a aliança entre PMDB e PT não valerá em estados onde os dois partidos disputam o Executivo. Ele destacou, porém, que a aliança nacional tem de ser preservada. Em relação ao apoio de Dilma a Garotinho nas eleições no Rio, Sérgio Cabral afirmou que não vai comentar a decisão da petis-

ta. “O importante é que o PMDB sairá com a ministra nas eleições”, despidou.

COTADOS Dois pemedebistas bem cotados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para integrar a chapa de Dilma (o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, e o ministro das Comunicações, Hélio Costa) estiveram na convenção de forma discreta e sem discursos categóricos. Meirelles desconversou sobre as especulações a respeito de sua indicação. “Minha absoluta atenção, no momento, até o começo de abril, é o Banco Central (BC). No fim de março devo pensar e tomar uma decisão: se fico no BC ou se vou contemplar alguma via eleitoral”, afirmou.

Hélio Costa manteve o discurso dominante na convenção, de apoio a Temer como candidato a vice de Dilma. Sua candidatura ao governo de Minas Gerais é defendida pela cúpula do PMDB. Ele já abre uma possibilidade de não embarcar nos planos do partido para ele, caso o vice-presidente José Alencar (PRB) decida disputar o governo de Minas. “Se ele for candidato, quero ser o mais importante cabo eleitoral”, destacou Costa, afirmando que sairá da disputa. Temer disse que o partido buscará candidaturas únicas nos estados onde, a exemplo de Minas, pode haver disputa na base. “Para fechar alianças preciso solução negociada nos estados. Em Minas, o Hélio Costa nas pesquisas está em primeiro lugar, uma posição de relevo”, disse.